

Essência e existência em Louis Lavelle

Emérita QUITO

De: *La Notion de la Liberté Participée dans la Philosophie de Louis Lavelle*, Fribourg, Éditions Universitaires, 1969, pp. 1-3. Tradução de Olavo de Carvalho para exclusivo uso em classe pelos alunos do Seminário de Filosofia. Proibida a difusão por quaisquer meios.

Louis Lavelle é um filósofo do ser. É necessário, para exprimir seu pensamento, recorrer à sua idéia do ser. Suas outras noções tomam raiz no ser. E essas noções mesmas não devem ser separadas umas das outras, pois cada uma é impensável sem a outra. A liberdade é intimamente ligada à participação. Não há participação senão por seres livres que reconhecem sua inserção no Ser Total. A liberdade engendra a possibilidade, e esta é uma criação da consciência, a qual é forçosamente um eu que coloca o todo do ser.

Para Lavelle, não há primeiro o ser e depois a aparição da consciência: o ser está sempre aí. No entanto, não podemos dizer com Merleau-Ponty, quando ele fala do seu mundo, que este “já está sempre aí”. Para Lavelle, o ser está sempre aí simultaneamente, fora do tempo, do espaço. Não tem passado nem futuro. Ele envolve tudo e no entanto está implícito em cada consciência. O ser é um Todo, uma Presença total que está sempre aí. Ele está aí quando temos consciência de nós mesmos: “O ser revela-se em primeiro lugar ao eu, que, ao descobrir-se a si mesmo, deve necessariamente inscrever-se no ser.”¹ “A consciência é a marca da nossa própria respiração no ser.”² “Pois o eu não pode se colocar senão colocando o todo do ser...”³ “Não me evado jamais do ser; e é contraditório que eu possa negá-lo, já que, ao negá-lo, coloco o meu ser que o nega.”⁴ Ele está aí quando a participação começa. E a liberdade não é outra coisa, para ele, senão uma participação no ser absoluto.⁵

Para Lavelle, portanto, a questão colocada por Martin Heidegger, “Por que existe o Ser e não antes o Nada?” não existe, pois colocar a questão “Por que o Ser?” supõe que ele já esteja aí.

Como Lavelle percebe o ser? Pela experiência de si mesmo. Por uma metodologia de reflexão. Mas essa experiência de si mesmo pela reflexão não deve se deter em si mesma. É saindo de nós que nos encontramos, “é quando sou mais interior a mim mesmo que estou mais afastado dessas fronteiras de mim mesmo”⁶ É uma experiência similar à de Narciso. Ao debruçar-se sobre a fonte na qual “ninguém ainda havia se olhado”, Narciso se via e caía apaixonado por si mesmo. Ele se esquecia de olhar para mais fundo do que o seu próprio rosto; ele teria visto o fundo da fonte onde se encontra a razão mesma da nossa existência. É na intimidade, diz Lavelle, que todos os homens se unificam, e é lá que se encontra uma união espiritual de todas as liberdades.

É justo dizer que Lavelle é um filósofo do ser, mas pode-se também chamá-lo um filósofo da existência, no sentido de que ele coloca a existência, no homem, antes da essência. Para ele, como para todos os filósofos da existência, “a essência não é determinada antes que a

¹ *La Présence totale*, p. 46.

² *De l'Âme humaine*, p. 28.

³ *De l'Être*, p. 12.

⁴ *Ibid.*, p. 12.

⁵ *De l'Acte*, p. 192.

⁶ *De l'Âme humaine*, p. 37.

liberdade tenha sido exercida”⁷. A existência não está aí senão para nos permitir conquistar uma essência. “A existência, diz ele, não tem sentido em nós senão para nos permitir, não realizar uma essência colocada de antemão, mas determiná-la pela nossa escolha e coincidir com ela. Em lugar de dizer que a essência é a possibilidade da existência, diremos antes que a existência é a possibilidade da essência. É pela escolha da nossa essência que fixamos no ser o nosso lugar eterno.”⁸

⁷ *L’Erreur de Narcisse*, p. 1.

⁸ *De l’Intimité spirituelle*, p. 165.